



BIAI
BANCO AFRICANO DE INVESTIMENTOS

Parte Integrante do Jornal A Semana 869 • Sexta-feira, 5 de Dezembro de 2008

CIFRÃO

JORNAL DE ECONOMIA

COTAÇÃO NA BOLSA DE VALORES

SCT (0,00%) ↔

5.896\$00

CECV (0,00%) ↔

6.500\$00

ENACOL (-1,44%) ↓

6.900\$00

BCA (0,00%) ↔

3.100\$00

Avaliação Semanal - Recolha de dados na quinta-feira

↔ Estacionária ↑ Em alta ↓ Em baixa



A revolução silenciosa do NOSI



A revolução si



lenciosa

Tudo começa como uma estória de ninar. Só que esta pode começar nos idos anos 90, mas corre para a frente que nem doida e chega até afrontar o futuro e o mundo numa velocidade incrível. Pois é, em 1998 nascia o NOSI. Em 2000 ainda estava no quarto escuro dos fundos de quintal do Ministério das Finanças, um grupo de “**visionários**” comandado por Hélio Varela a tentar compor o mundo cabo-verdiano com *links*, *software* e essas coisas que até podiam fazer sonhar um poema de António Nunes “... **um dia**”, mas não tinham cara de resolver problemas reais dos cabo-verdianos como a pobreza, a burocracia, a insularidade, etc., etc. Uns anos se passaram e esse mundo virtual reforçou-se com dezenas de jovens, alargou o seu espaço mais para os fundos de quintal das Finanças e insistia em despejar cá para fora palavras caras: governação electrónica, *Internet banking*, certidões on-line, empresa no dia. Surgiam em catadupa todas essas ideias que poucos sabiam o significado e mais poucos ainda estavam interessados em saber. Para quê, se não davam cachupa nem emprego.

Em 2005 José Maria Neves lança a célebre frase “**Cabo Verde vai-se transformar em Ciber Islands**”. Todos riram da “**tchocota**”. Sabia-se que o pessoal do NOSI, sempre capitaneados por aqueles que são os artífices-mor desta aventura do NOSI, os insuperáveis Hélio Varela e Jorge Lopes, estavam a instalar uns computadores e uns programas que já iam facilitando a vida do pessoal das Finanças e até em Câmaras como a Praia, mas daí a sonhar-se com a informatização de quase todo um país era demais – a tradicional ‘*basofaria*’ crioula. Só que dez anos se passaram sobre o dia em que Hélio Varela, Jorge Lopes e seus pupilos fundaram o NOSI e hoje estas ilhas já estão no circuito mundial das TIC. Até a sempre isolada ilha Brava tem todas as suas escolas EBI on-line. Mais, a CMB promete para já espalhar praças inteligentes com Internet sem fios, onde se pode ir a qualquer hora do dia, da tarde ou da noite por todos os cantos da ilha.

E assim os cabo-verdianos estão como São Tomé, ver para crer. A ligar-se democraticamente com o mundo, porque com essas coisas de Internet agora não tem branco nem preto, “**nem bedju nem nobu**” e nem é preciso ser “**doutorado**” para estar no MSN e falar com o ente querido que está no estrangeiro. A terra longe que agora está à distância de um click de Cabo Verde.

Contra o papel,

Entrar no www.portondinosilha.cv e pedir uma certidão de nascimento, preencher os dados. Um, dois, três cliques... O telemóvel dá o sinal de uma «SMS», chega o código de pagamento. Ir ao ATM (caixa Vinti4) ou pagar através da Internet. A informação flui por cabos, fios e computadores como a corrente sanguínea do corpo humano. Vários sistemas comunicam ao ritmo de um clique. Premir a tecla “enter”. Certidão pronta. Mais um, dois, três cliques. E o ‘tonner’ da impressora dança mecanicamente e decalca no papel branco o documento que certifica que existimos como cidadãos.

Os livros poeirentos arquivados em arranha-céus de prateleiras e que faziam espirrar, conservados por guardiões cinzentos que nos olhavam, autoritários, por cima dos óculos, foram transformados em megas, gigas e *terabytes* de informação e entraram num ‘data center’, um armário cheio de gavetinhas brancas e que com muitas luzes verdes intermitentes que vai mostrando o batimento cardíaco da Administração Pública das ilhas. A figura paleolítica do escrivão foi substituída por um jovem dinâmico, de sorriso no rosto e dedos ágeis a introduzir num qualquer teclado o pedido do cidadão. Estamos em Cabo Verde? Sim, estamos no começo do Cyber Islands.

Impensável até há algum tempo atrás, esta é, no entanto, uma realidade cabo-verdiana que começou a ser construída, aos poucos, há uns anos atrás, para servir os cabo-verdianos e inserir este povo num mundo, o das novas tecnologias de informação e comunicação para pôr o mundo à distância de um *click*. E atravessa hoje o país todo, sem barreiras de tempo e de espaço, de Santo Antão a Brava, numa viagem de circum-navegação ao encontro de quem na «11ª ilha» ou em qualquer outro lugar do mundo queira conectar-se com os diversos serviços públicos cabo-verdianos. E é assim que nas entranhas da administração pública está a operar-se uma revolução silenciosa em Cabo Verde. Uma evolução que esta reportagem vai procurar retratar, até porque por ela e para ela Cabo Verde emerge na cena internacional como modelo a seguir.

NOSI, O LÍDER REVOLUCIONÁRIO

Todos os dias os cidadãos vão sabendo esta e aquela iniciativa do NOSI – Núcleo Operacional para a Sociedade de Informação – mas muito poucos sabem dizer ao certo qual é o trabalho desta unidade pública, enquanto os efeitos práticos do seu trabalho vão sendo desfrutados e incorporados no dia-a-dia do cabo-verdiano como se acontecesse por acaso. Assim, como quem toma um copo de água e só pensa que é 100% natural.

Fala-se em empresas criadas num só dia, num tal “**porton di nos ilha**”, a lembrar a bela composição de Renato Cardoso que é um “portal” de acesso a um mundo infinito de informações e serviços. Sabe-se na comunicação social que o presidente da Microsoft para a África, Cheik Diarra, já por duas vezes veio a Cabo Verde apresentar o arquipélago como um exemplo a seguir pelos seus pares africanos na governação electrónica - numa dessas ocasiões trouxe uma delegação do Burkina-Faso que viu, encantada, a solução eficaz para vários projectos naquele país.

7308 é o número de instalações de Internet em Cabo Verde em 2007, quase mais 5000 que no ano 2000

13,9% dos cabo-verdianos utilizam Internet, sendo que a faixa etária entre os 15 e os 24 anos (21%) é a que mais recorre a esta ferramenta.



CABO VERDE NO MUNDO

A experiência da governação electrónica cabo-verdiana foi partilhada com o mundo e reconhecida como um exemplo a seguir:

- Apresentação da ‘**Empresa num dia**’ no Congresso norte-americano, em Washington
- Eleito como país modelo de gestão financeira para 23 países das Caraíbas, que virão a Cabo Verde “copiar” a experiência nacional
- Caso de estudo do Banco Mundial
- Caso de estudo da Kennedy School of Government, da Universidade Harvard, EUA
- Fórum de Massachusetts “**Transformar Cabo Verde**

numa **ciber ilha de alta tecnologia**” em Outubro de 2006

- Colóquio sobre administração das Indústrias de Alta Tecnologia para os Países de Língua Portuguesa em Shenzhen, China
- Congresso Internacional Sociedade e Governo Electrónico, em Brasília, Brasil
- Conferência “**Caminhos e oportunidades de investimento do sector das TIC para a África Ocidental**”, Gana
- Integração na Rede Comum de Conhecimento entre Portugal, Brasil e Cabo Verde

digitalar, digitalar



O MUNDO EM CABO VERDE

Cabo Verde levou a sua experiência pelo planeta fora, mas houve também quem viesse conhecer 'in loco' o desenvolvimento nacional do sector das novas tecnologias:

- Delegação do Bentley College, Massachussets, EUA
- Presidente da Microsoft para África, Cheik Diarra
- Técnicos da Guiné-Bissau formam-se no NOSI
- Vice-secretário geral da União Internacional de Telecomunicações, Houlin Zhao
- Especialista da Estónia em governação electrónica, Linnar Viik

- Ministro da Administração Pública de São Tomé e Príncipe
- Jean de Dieu Somada, vice-presidente da CEDEAO
- Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação Portuguesa, João Cravinho; e Secretária de Estado da Modernização Administrativa de Portugal, Maria Manuel Leitão Marques
- Delegação ministerial do Burkina-Faso

Mas, afinal, que é o impacto real desta «revolução silenciosa» na vida do cidadão comum cabo-verdiano, que é ainda na sua maioria, um iletrado digital ou, por outras palavras, um “info-excluído”.

O primeiro passo foi arrumar a casa. Uma luta titânica contra o papel foi então encetada pelo NOSI para transformar em formato digital os papéis que, além de ocuparem muito e muito espaço dificultavam o conhecimento. Sem borrões, sem gralhas, sem erros. A informatização dos Serviços de Registo, Notariado e Identificação, o guardião das linhas de vida (nascimento, casamento, morte, entre outras anotações) de “tud criol” “desmaterializou” os livros, e democratizou o acesso aos seus dados. “A celeridade na obtenção de documentos aumentou a qualidade de vida dos cidadãos, que já não têm que se sujeitar às filas intermináveis dos Serviços de Registos”, pontua Hélio Varela, gestor do NOSI.

O Orçamento de Estado para 2009, aprovado na generalidade na semana passada pelo Parlamento, tem contribuições directas do MCA-CV e da União Europeia. E isto é resultado de uma outra frente desta revolução: alcançar uma gestão financeira do Estado eficaz e transparente, condição ‘sine qua non’ para o país continuar a receber ajuda para o seu desenvolvimento. Aliás, Cabo Verde deve ao NOSI o facto de hoje receber as ajudas para o seu desenvolvimento directamente no seu orçamento, reforma das contas do Estado. Por exemplo, hoje toda a execução financeira é “desmaterializada”, o que quer dizer que quando um determinado serviço público manda comprar uma cadeira, a factura digitalizada é inserida no sistema, que depois passa por cinco ou seis pessoas para ser aprovada. Todo esse processo acontece sem nunca se recorrer ao papel.

“E é este tipo de soluções que, às vezes, do qual nem sequer nos apercebemos, porque acontecem dentro da estrutura do governo”, diz Hélio Varela, que já esteve na *House of Financial Service* (Casa dos Serviços Financeiros), quando o Congresso norte-americano convidou Cabo Verde para apresentar o seu sistema financeiro como exemplo mundial.

“E que impactos trouxe esse sistema financeiro para Cabo Verde?”, pergunta a si próprio o nosso entrevistado, orgulhoso do trabalho feito. “Termos ganho o projecto do MCA, que é de 110 milhões de dólares. E esse montante foi disponibilizado ao nosso país para ser gerido directamente. Foi um verdadeiro voto de confiança, pois Cabo Verde tornou-se no primeiro país a quem os norte-americanos entregaram o dinheiro dos seus contribuintes, para gerir directamente, o normal é criarem estruturas à parte para fazer isso”, conta.

Com o sistema montado pelo NOSI esse controlo pode ser feito à distância por qualquer entidade, inclusive cidadãos particulares que queiram aceder à contabilidade do Ministério das Finanças. Um palmarés que muitos poucos países podem apresentar, daí a confiança dos EUA quando decidiu que Cabo Verde poderia, ele próprio, gerir os 110 milhões de dólares que o programa MCA colocava à sua disposição.

O diamante cabo-ve



O 'FOWARD' DA REVOLUÇÃO

Com as contas a bater certo na casa principal, chegou então o momento de expandir essa harmonia na Administração Pública pelo país, fazendo-o chegar lá onde o Estado deve estar mais próximo dos cidadãos: os municípios. Aqui pretendia-se, em primeiro lugar, terminar com o corre-corre entre serviços, o pesadelo do “**não é aqui que tem que pagar esse imposto, é no outro balcão**”, e, segundo, tornar os serviços administrativos eficazes para levar mais dinheiro aos cofres municipais.

É o caso de São Vicente, cuja Câmara Municipal conseguiu duplicar as suas receitas em muitos serviços. Até então, a autarquia mindelense tinha prazos para o pagamento de determinados impostos, que não coincidiam, por exemplo, com a estada dos emigrantes na ilha. “**Mas hoje em dia em São Vicente existe um sistema em que o cidadão poderá pagar os seus impostos a partir da Holanda, por exemplo**”, avança Hélio Varela.

Contudo, ainda estamos longe de um cenário ideal, de rapidez e eficácia no tratamento de assuntos burocráticos nas autarquias. É que a informatização ainda está a dar os seus primeiros passos, e só com o tempo poderá apresentar resultados rentáveis. Até porque há ainda o factor humano, com uma ou outra resistência.

Mas este trabalho nos municípios contempla também a instalação de “**praças digitais**” um pouco por todo o país. Quando a ideia surgiu na Cidade da Praia, ela foi alvo de comentários jocosos, fruto da descrença ou da dificuldade de uns em aceitar as novidades, já que para essas mentes, “**praças digitais**” seriam para países ricos. Hoje é ver as pessoas – jovens estudantes sobretudo – , com os seus ‘*laptop*’, a navegar na Praça Alexandre Albuquerque ou na Praça da Escola Grande, no Plateau. Todos viajam pelo mundo de informações e entretenimento, normalmente.

Para Hélio Varela, essa febre de inovação “**é um sinal de eficácia de promover o acesso ao conhecimento e de quão grande tem sido o seu impacto na sociedade. E se conseguirmos colocar ‘wireless’ nas praças de todo o país, Cabo Verde será dos poucos países no mundo a ter um nível tão alto de acessibilidade à Internet. Estas pessoas que hoje estão a navegar na Internet, acedendo eficazmente ao conhecimento, serão os nossos líderes de amanhã**”, congratula-se o gestor.

E nestes dias que o NOSI completa 10 anos de vida, Cabo Verde já conta dez praças digitais, sete das quais inauguradas este mês. Praça Alexandre Albuquerque ou a Praça de Escola Grande, no Plateau, e Cruz do Papa, Achada de Santo António, Praia, Santa Catarina, Tarrafal, Mindelo, Brava, Mosteiros, São Filipe e Espargos.

DISTINÇÕES

- Quinto país africano em governação electrónica 2008, segundo o relatório de e-government das Nações Unidas
- Considerado exemplo de utilização de open source (software livre) pela Joomla - Comunidade internacional que avalia os países que usam esta tecnologia
- Referenciado como a melhor experiência no domínio das TIC em África, no II Fórum Africano de Melhores Práticas das TIC, que aconteceu em Ougadougou, Burkina-Faso

Verdiano

ALIANÇA COM UM GIGANTE CHAMADO MICROSOFT

Um grande Centro Tecnológico, que vai integrar uma incubadora de empresas e empresários. Um novo Data Center do Estado e o NOSI. Nesse centro, estarão também representações de multinacionais como a CISCO e a HUAWEI, que vão a partir daqui difundir tecnologias para todo o mundo. Mais um episódio do tal filme de ficção científica? Também não. O início da construção deste parque – que ficará situado na Achada Grande Trás, Praia – está previsto para 2009.

O Centro de Inovação da Microsoft é outra unidade que vai integrar esse parque tecnológico. No início deste ano, o NOSI assinou um acordo estratégico com a Microsoft – foi negociado durante dois anos –, e que vai permitir que as duas unidades cooperem em licenciamentos, serviços, reformulação de sistema, rede e central de dados.

Jorge Lopes, coordenador do NOSI, explica que “Cabo Verde está entre os primeiros países no que toca à governação electrónica, em África e no mundo, devido a adopção de medidas muito específicas. A construção de um centro de inovação Microsoft chega para complementar esforços na pesquisa da governação electrónica, documentar, mostrar avanços e conferir certificação às soluções desenvolvidas e poder exportá-las para outros países”.

“Esta parceria quer também desenvolver as aptidões dos seus recursos humanos”, pontua Jorge Lopes. Aqui, a Microsoft vai oferecer uma participação a Cabo Verde na Aliança Académica Internacional – MSDN – para que o nosso país possa lutar contra a ileteracia digital. Ora isto quer dizer que o NOSI e a Microsoft vão estabelecer currículos de disciplinas e conteúdos para o ensino secundário, que assentam sobretudo em plataformas e-learning.

Nesse sentido, será criado um internato para estudantes, que acolherá alunos de fora e de dentro do país para estágios no Centro de Formação. E é aqui que entra o conceito de “parceria” para a sociedade de informação, que junta Estado, universidade e sector privado em prol do mesmo objectivo. E Jorge Lopes sublinha: “Há a perspectiva de uma zona de intermediação entre a universidade e o mercado, em que os estudantes passam por um sistema de incubadora para se introduzirem no mercado”.

“As áreas de intervenção dessa incubadora”, prossegue Lopes, “serão bem específicas e podem passar, por exemplo, pela produção de jogos para telemóveis de grandes multinacionais como a Motorola ou a Siemens. Eles fazem ‘outsourcing’ destas actividades e nada nos impede de criar uma pequena unidade de produção com 15, 20 jovens”.

Proteger os direitos da propriedade intelectual é também uma das linhas orientadoras deste Acordo. Jorge Lopes esclarece que “em Cabo Verde já há alguma produção de tecnologia, incipiente ainda, mas ela existe. E há que salvaguardar a nossa capacidade de proteger aquilo que produzimos. Há trabalhos de investigação, aqui no NOSI, por exemplo, que precisam ser protegidos sob pena da nossa criatividade ser apropriada por terceiros que têm mais capacidades de desenvolvimento”.

No sector privado, o Centro Tecnológico vai promover a qualificação de empresas locais – a Microsoft dispõe de programas específicos para cada ramo de actividade – através da unidade de certificação de empresas. Lopes avança que “as pequenas empresas que queiram ter quadros qualificados poderão enviar os seus engenheiros para esta unidade, começando assim a integrar profissionais com o certificado Microsoft System Engineer (MSE)”.

O DIAMANTE CABO-VERDIANO

“No nosso país, poucas foram as vozes que se levantaram para analisar, reconhecer e criticar as medidas relacionadas com as novas tecnologias”, lamenta Hélio Varela. Mas como tudo em Cabo Verde, o reconhecimento vem de fora: o caso da NOSI não foge à regra. A revolução na vida e no conhecimento do homem destas ilhas continua a acontecer. Sim, enquanto o cabo-verdiano continua a olhar para ele com ar de displicente, quase como uma extravagância de gente lunática, as distinções, os elogios chovem além-fronteiras. Enfim, um trabalho, que quem está de fora já viu, mas que o cabo-verdiano ainda não se apercebeu ou não reconheceu.

“Fiquei deslumbrado quando visitei os laboratórios do NOSI. Pela primeira vez vi um sistema que vai permitir aos cidadãos de um país não terem que esperar em filas para fazer documentos ou pagar impostos”. Esta afirmação é de Cheik Diarra, ex-responsável pelo departamento mais audaz da NASA – aquele que enviou a sonda para Marte – e presidente da Microsoft em África que já esteve duas vezes em Cabo Verde. E reconhecendo o que já existe por estas ilhas Diarra anunciou a instalação neste arquipélago do quinto centro de inovação Microsoft em África.

“A inovação e a criatividade são valores inquestionáveis. Vivemos numa fase em que o aumento da qualidade de vida dos cidadãos de um país é muito mais elevado a partir de uma simples ideia que atravessa as suas fronteiras, do que qualquer jazida de petróleo, ouro ou diamante”, sublinha aquele astrofísico, tido como um dos grandes cientistas da actualidade.

A filosofia de governação electrónica em Cabo Verde inspirou dois trabalhos de tese nos EUA. É o caso de estudo no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussets) e na Universidade de Harvard. No relatório das Nações Unidas – o UN E-Government Survey 2008, do Governo Electrónico à Governação conectada – o nosso país surge em quinto lugar no panorama africano de governação electrónica. Antes estão África do Sul e Egipto.

Maria Manuel Leitão Marques, especialista em administração pública, e responsável pela instalação de um posto de atendimento da Casa do Cidadão em Portugal, dedicou uma crónica no “Diário de Notícias” à experiência cabo-verdiana. Marques defende que “a racionalização de meios que demonstra e a visão integrada que partilha” faz da governação electrónica cabo-verdiana “um bom exemplo a seguir”.

É o reconhecimento, além fronteiras, da nova maneira cabo-verdiana de ser, dinâmica e inovadora, num trabalho todo ele baseado em mão-de-obra e criatividade “made in Cabo Verde”.

UMA DÉCADA DO NOSI

Sobe-se ao primeiro andar do Ministério das Finanças, vira-se à direita e um longo corredor leva-nos ao departamento onde está instalado o NOSI. Aqui respira-se um ar diferente do resto deste “pesado” edifício. É mais leve. Na recepção há um grande placar de cortiça, com fotos de festas e eventos onde “nosianos e nosianas” (como gostam de se apelidar) convivem. Mas também lá estão imagens da “exportação” cabo-verdiana do seu conhecimento. Fotos da China, Caraíbas, Brasil... Há sorrisos, apertos de mão, caras concentradas, poemas e ‘private jokes’ que bem caracterizam o ambiente que se vive naquelas salas ‘open space’, onde a média de idades não deve passar os aos 35 anos.

A juventude, onde está latente a irreverência e a criatividade, é a principal característica dos cerca de 60 trabalhadores do NOSI. Criado em 1998, o Núcleo Operacional para a Sociedade de Informação – que comemorou os seus 10 anos neste mês de Novembro – é o símbolo da já tradicional ousadia cabo-verdiana: primeiro foi semente lançada à terra seca. Depois foi planta crescendo indiferente à aridez da paisagem, as mudanças de ventos – os partidos se sucederam e o NOSI continuou o seu caminho – e à poeira dos dias, foi dando frutos cada vez mais grandes a ponto de não se parecerem nada ao chão que os gerou. E assim, transversal a todos os governos que, entretanto, passaram pela cadeira do poder, foram ano a ano arrumando a casa, sempre apostando numa equipa jovem e empreendedora.

Mas nem tudo foram rosas. Primeiro viu-se na iniciativa um mero gastar de dinheiro quando o país tinha questões urgentes para resolver: pobreza, desemprego e até salários em atraso. Depois viu-se na empreitada um “jobs for the boys”. Até agência de espionagem chegaram a chamar-lhe. E entre “um mimo e outro”, uma função e outra estavam aqueles que apontavam o dedo acusando esse serviço de usurpar as funções adstritas ao sector privado – tradicionalmente é quem toma as rédeas do ‘upgrade’ das novas tecnologias – e de tentar abafar a livre iniciativa privada e o mercado das novas tecnologias ao recrutar os melhores quadros nacionais da área. E frente a tantas “críticas” e controvérsias não restou outra opção ao NOSI senão afirmar-se como uma instituição forte no sector.

É que a produção privada a nível das TIC’s era não só insípida como residual. Portanto Cabo Verde devia inverter a tendência mundial e seguir o seu próprio caminho: em vez de ser o sector privado a “puxar” pelo público, aqui teve que ser o público a “puxar” pelo privado. E o tempo veio dar razão a esse “input” estatal. Tanto assim é que os gestores do NOSI já vieram várias vezes a público lamentar a fraca capacidade de reposta do mercado às demandas cada vez mais crescentes desta unidade. Dizem que querem fazer o ‘outsourcing’ de actividades e não conseguem porque o mercado não tem como responder às suas necessidades. Isto numa realidade, em que uma empresa de informática dedica-se mais à venda de equipamento do que ao desenvolvimento de soluções informáticas.

ALIANÇA DA GOVERNAÇÃO ELECTRÓNICA

Foi também através de parcerias “estratégicas” com grandes deste mundo que a governação electrónica se afirmou no nosso país. Eis os “djunta mon” mais relevantes:

- Parceria estratégica entre o governo e a Microsoft
- Cooperações austríaca, francesa e espanhola (principalmente no projecto SIM)
- Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento e Instituto Internacional de Língua Portuguesa
- Multinacional chinesa HUAWEI
- Empresa de software Oracle Systems Limited



A juventude irreverente do NOSI

Principais frentes da revolução

SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO ORÇAMENTAL E FINANCEIRA

Este sistema é uma das pedras basais deste grande empreendimento que é a governação electrónica e da administração pública bem arrumadinha, sem lugar para as bagunças. É graças ao SIGOF que as instituições internacionais como o MCA e a União Europeia decidiram confiar os seus fundos directamente ao Orçamento de Estado de Cabo Verde.

O processo é simples: os serviços da administração pública fazem os pedidos de despesa, que são registados, e o SIGOF controla se os mesmos têm cabimento orçamental. Dado o sinal verde, o sistema prepara os pagamentos, com cheques ou transferindo o montante. Todos os ministérios podem consultar, em tempo real, a respectiva execução orçamental, os extractos de contas e a conta corrente dos fornecedores.

SISTEMA DE INFORMATIZAÇÃO DOS REGISTOS, NOTARIADO E IDENTIFICAÇÃO

É uma ferramenta transversal a todos os sectores da administração pública, já que concentra em si todos os registos que vão pautando a vida de cada cidadão – do nascimento ao óbito. Graças ao SIRNI, é possível, hoje, emitir uma certidão *on-line* na hora. Este sistema, implementado em todo o território nacional, encontra-se tecnicamente preparado para

permitir aos hospitais fazer os registos de nascimento (já funciona no Hospital da Praia). Através dele as missões diplomáticas podem emitir certidões, as câmaras municipais servir de intermediários na requisição de registos prediais, etc, etc.

CASA DO CIDADÃO

A Casa do Cidadão é o “lar” desta revolução, onde o cidadão, através de um só balcão, pode aceder a um mundo de serviços. É a estrutura física do que já existe em megabytes e redes, no portondinosilha.cv. Na sua casa, o cidadão pode pedir certidões de nascimento, óbito, casamento *on-line*, criar uma empresa num dia, pagar “electronicamente” os seus impostos e ainda solicitar o Documento Único Automóvel (que junta registo e livrete da viatura).

EMPRESA NO DIA

Arrancou em Março de 2008 e deu um verdadeiro “pontapé” na morosidade burocrática que envolvia a criação de empresas em Cabo Verde -antes demorava cerca de 52 dias e agora se faz num dia. Começou com um balcão no Sal e hoje também já está na Praia, com mais de 360 empresas criadas.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO E RECENSEAMENTO ELEITORAL

Foi o grande responsável pelo sucesso do

recenseamento eleitoral feito em todo o país, imprimindo toda a transparência ao processo. Para satisfação geral, controlou duplas entradas e publicou em tempo útil todos os cadernos de recenseamento, afastando assim o fantasma da fraude. Este sistema não só faz a gestão do cadastro eleitoral, como também controla a introdução, também descentralizada, dos resultados eleitorais das mesas de voto, o seu processamento e compilação. Isso fez com que os resultados das últimas eleições ocorridas no país (autárquicas de Maio de 2008) – fossem disponibilizados sob as mais diversas perspectivas estatísticas.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO MUNICIPAL

o NOSI também contribuiu para a descentralização ao criar em alguns municípios um sistema autónomo que permite a gestão administrativa do território, dos recursos humanos e das taxas e impostos de cada autarquia. Até agora Praia, São Vicente e Sal já têm esta ferramenta totalmente implantada, o que implicou criar uma rede local de informação (que está sempre em comunicação com o poder central) e formar os funcionários camarários. Neste momento o SIM está a ser ultimado em oito municípios do interior de Santiago. A cooperação francesa está interessada em levar o sistema para São Nicolau e a espanhola quer fazer o mesmo na Boa Vista.

Fonte: nosi.cv



Hélio Varela

E foi nestas ilhas parcas em recursos que a necessidade aguçou o engenho e fez homens e mulheres ousarem. Um recurso que aproveitaram ao seu expoente máximo deu num Núcleo Operacional que arquitectou em Cabo Verde uma Sociedade de Informação. Neste núcleo estão unidos jovens de implícita irreverência e a

Presente!

sabedoria dos cabelos brancos de dois homens – Hélio Varela e Jorge Lopes – que imprimiram ao projecto a credibilidade para se afirmar em Cabo Verde. E de projecto, esta revolução silenciosa, está a tornar-se num dos sectores com maior potencialidade de desenvolvimento económico no país.



Jorge Lopes



A nossa Casa

Levantar o auscultador do telefone, discar 8002008. Do outro lado da linha, uma voz saúda: “**Bem-vindo à Casa do Cidadão**”. Esta é uma das portas por onde todos nós podemos entrar, na casa que alberga os cabo-verdianos. Mas temos outras opções: a janela do site ‘**Porton dinos ilha**’ ou as casas, físicas, com paredes, corredores e tecto, que já existem na ilha do Sal, na Cidade da Praia e, também, na 11ª ilha – a diáspora (foi inaugurado há três semanas o balcão da Casa do Cidadão em Odivelas, Portugal).

Na nossa casa podemos pedir certidões de nascimento, casamento ou de óbito, criar uma empresa, preencher formulários electrónicos para entregar

à Direcção Geral das Contribuições e Impostos (DGCI), solicitar o Documento Único Automóvel, etc, enfim um mundo de serviços à distância de um clique.

Um dos mais espectaculares “**quartos**” desta Casa do Cidadão é aquele onde podemos criar uma empresa num só dia. Aliás, é possível fazê-lo em 45 minutos. Entra-se na Casa, senta-se com a operadora que nos vai pedindo todos os dados e passo a passo, ‘*et voilà!*’ – o que antigamente demorava 52 dias a fazer, hoje acontece, num só dia. Para abrir a empresa, e arrancar imediatamente com o negócio. Até hoje, 362 empresas viram a luz do dia recorrendo a este serviço.



362 *empresas criadas num só dia desde Março de 2008, quando o projecto arrancou no Sal*

A Comodidade do Internet Banking

O Internet Banking é a forma mais cômoda de fazer operações bancárias hoje em dia. A qualquer hora do dia ou da noite, um cliente pode fazer transferências nacionais e internacionais, verificar movimentos e “agendar” pagamentos. E este serviço já existe em Cabo Verde nos quatro bancos comerciais que operam no país, um dos quais já usa mesmo o Mobile Banking (funciona através do telemóvel).

Eneias Rodrigues é designer gráfico e afirma que o Internet Banking “mudou radicalmente a sua rotina”. “Antigamente sempre que queria tratar de alguma coisa no banco, tinha que perder uma manhã entre papéis e filas de espera. Hoje trato de todas as saídas e entradas de dinheiro sentado no computador e no conforto do meu quarto ou do meu escritório”, conta.

Mas aponta, pelas pessoas que conhece, ainda não há muita gente a aderir a esta forma de interagir com o banco. Para Eneias, “a maioria das pessoas ainda precisa da segurança da sua presença física para ter a certeza do que acontece com o dinheiro delas”.

E ainda há algo que o faça ir ao banco? “Sim, para fazer depósitos”. Quanto ao sistema que é usado em Cabo Verde, Eneias Rodrigues enaltece uma característica que, na sua opinião, é melhor do que a usada nos EUA. “Antes de confirmarmos uma transferência, por exemplo, existem várias perguntas de confirmação que securizam o sistema”, conclui.

104 ATM's, 952 terminais vinti4 e mais de 20 milhões de contos transaccionados

Abrimos a carteira, está vazia. Sacamos um cartão de plástico, vamos ao ATM – ou como é mais vulgar em Cabo Verde “caixa vinti4” – mais próximo e tiramos a maquia que precisamos. A nossa forma de lidar com o dinheiro mudou: as notas passam cada vez menos pelas nossas mãos, o nosso dinheiro é menos visível, sendo que vamos fazendo contos à vida através dos talões de movimentos que imprimimos nessas mesmas caixas ATM.

Em Cabo Verde já existem 104 caixas vinti4, espalhadas um pouco por todo o país. Os 22 municípios têm pelo menos uma caixa. A Praia, como é óbvio, lidera o ranking com 39 ATM's, seguida do Sal (com 14) e do Mindelo (com 13). Brava e Maio têm apenas um ATM.

Os terminais vinti4 também proliferaram pelas lojas, restaurantes e hotéis do país. Já se contam 952 terminais, mais de metade deles instalados na Praia. O Sal tem 207, o Mindelo 133, a Boa Vista 44 e Santa Catarina 25. Idalina, dona de uma boutique no Plateau, quis instalar um terminal vinti4 no seu estabelecimento para dar mais comodidade aos seus clientes. “Mas não é só por isso. Fiz essa opção também por questões de segurança. Hoje em dia as pessoas não querem andar com muito dinheiro na rua e esta é uma forma de ter o dinheiro na minha conta de uma forma rápida e segura”, explica.

Segundo o SISF, mais de 20 milhões de contos foram movimentados nos ATM's e nos terminais vinti4 desde o início do ano até Novembro de 2008, totalizando cerca de quatro milhões de operações feitas. Recorde-se que estas operações englobam não só os levantamentos e transferências de dinheiro como também o pagamento de serviços de electricidade, água e telefone.

10,8%

dos cabo-verdianos possuem computador em casa.

38,8% usa Internet

nos Ciber centros espalhados pelo país

49,1% dos

utilizadores de Internet em Cabo Verde fazem-no para

trocar mensagens e depois

para Educação e Investigação

(36,2%)



Quando o computador de

Edna encaixa no protótipo de info-excluído: tem baixa escolaridade, um rendimento limitado e está pouco familiarizada com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Podia ser, mas não é. Aquela máquina repetida em várias secretárias do local onde trabalha há muito que deixou de ser um “complicador”.

Esta funcionária de limpeza trabalha numa empresa onde lhe é facilitado o acesso ao computador conectado à Internet. E usa-o para falar com o marido nos Estados Unidos, para trocar mensagens de amor e compartilhar os problemas com a educação dos filhos. Desde que descobriu a ferramenta poupa no telefone e sente-se mais perto do marido. A distância parece mais curta, sobretudo através do Windows Messenger. Edna junta-se assim aos quase 50% de cabo-verdianos que utilizam a Internet para troca de mensagens.

E num país de emigrantes, com uma longa diáspora espalhada pelo mundo, o sucesso está garantido e a prova

cabal é que Cabo Verde – “Ciber Island” já está à porta. Porque quebram-se barreiras – a do espaço e a do tempo – e as pessoas vão fazer tudo para estarem mais unidas aos seus entes queridos que vivem na terra longe. Hoje Evna está apenas à distância de um click dos EUA, onde residem grande parte dos seus familiares e amigos.

É pelo MSN que acompanha as suas vidas, que vê o novo penteado da sobrinha através da webcam, e que sabe dos últimos “mexericos”. Abre o computador, faz o ‘sign in’, vê quem está on-line. Chama alguém para a conversa e, assim, aprendeu a manipular o rato e a teclar no computador. Já não “naufrega” na Internet.

NOVOS MEIOS DE SOCIALIZAÇÃO

O MSN e os fóruns de fotos e troca de mensagens como o Hi5 e o Orkut são os novos meios de socialização dos jovens (e não só) que a cada dia que passa ganham



Quem imaginaria, há apenas dez anos atrás, ver a escuridão da noite entrecortada pelas luzes brancas emanadas dos 'laptop', enquanto dedos navegam por esse universo paralelo que é a Internet? Quem adivinharia que um cabo-verdiano em Lisboa, Estocolmo ou Pequim teria no prazo de uma hora a sua certidão de nascimento na mão? É o "admirável mundo novo" a intalar-se em Cabo Verde.

Internet ainda é cara em Cabo Verde

Os preços da Internet em Cabo Verde são um dos grandes entraves ao acesso à rede que globalizou ainda mais o mundo, consideram os entendidos no desenvolvimento das TIC no país. Não fosse o seu custo os cabo-verdianos estariam mais conectados com o mundo.

O elevado custo da internet deve-se principalmente à insípida concorrência que ainda se verifica no sector. Hoje a CV Multimédia é a grande empresa de distribuição de Internet no país, concorre com CV Wifi (que funciona apenas em São Vicente) e com a Cabocom (ilha do Sal).

Se falarmos na ADSL fornecida pela CV Multimédia (serviço de Internet de banda larga cada vez mais procurado no país - em 2007, havia 3833 instalações, mais 358 que as de Dial up), os preços da assinatura base podem ir dos 2.300 escudos (que corresponde a mil megas por mês) até aos 18.400 (10 mil megas/mês).

Não é fácil comparar os preços taxados pela CV Multimédia com os das outras operadoras, já que elas utilizam formas distintas de cobrar os seus serviços. Contudo, a Cabocom, por exemplo, compensa quando se necessita de tráfego ilimitado, facilidade que a CV Multimédia ainda não disponibiliza. Assim, por 11.490 escudos tem-se acesso a uma largura de banda de 256 kb, com download liberalizado. Já a Wifi, que tem como público-alvo o mundo empresarial, oferece pacotes que podem ir dos 5 mil escudos aos 50 mil, conforme os Kb desejados.

Bancos e Lojas facilitam créditos para a compra de equipamento informático

Sabendo a onda informática que sacode o país, bancos e lojas multiplicam-se em acordos para facilitar o sonho do momento: a compra de um computador para ter em casa, para estudar, para levar para a escola, para investigar... para navegar na onda do mundo. E nesse corrida ao ouro, os jovens e alunos são maioria. Os dados mostram que o contágio está a generalizar-se a cada dia que passa. E que ninguém escapa a esse poder avassalador da internet. Os velhos muito menos.

O programa "Um portátil, um aluno", - que surge de uma parceria entre a Universidade Piaget, a Soproinf e o Banco Interatlântico - em que o aluno paga o seu computador em 42 prestações (em três anos e meio) de 1900 escudos mensais, através de uma linha de crédito, é um exemplo desta adaptação aos novos tempos. Enfim sinais dos tempos em que o nível de conforto das pessoas não se mede pelo número de pares de sapatos e as vezes que muda a mobília da casa mas sim pelos gigas que têm lá em casa no computador dos filhos. Agora até os pedidos de encomenda no estrangeiro mudaram: o computador portátil encabeça a lista das prioridades.

A Caixa Económica de Cabo Verde também lançou recentemente o seu produto "Credimultimédia", que se destina a estudantes universitários e do ensino secundário, a professores e profissionais ligados à educação e formação profissional. O montante máximo é de 400 mil escudos e pode pagar-se até 48 meses (quatro anos).

Deixa de ser "complicado"

mais importância no seio da comunidade cabo-verdiana e do mundo.

Hoje em dia é rara a pessoa que não tem a sua conta de Hi5, onde partilha as fotos das últimas paródias e acontecimentos especiais. É um ponto de encontro cibernético, tão importante como os físicos, porque também lá os jovens procuram aceitação. Na realidade, no Hi5 (tal como o Orkut) é mais popular aquele que tem mais visitas registadas, mais "fives" (classificação que as pessoas lhe dão) e mais comentários.

Mas se por um lado esta é mais uma forma das pessoas conviverem globalmente - juntado todos os dias quem, à partida não se veria durante anos - por outro lado, o MSN/Hi5 pode também ter um efeito pernicioso.

Didier Patrick de Figueiredo Andrade está a estudar em Portugal e é através do MSN que vai "convivendo" com os seus amigos espalhados pelo mundo. Fala para esta reportagem pelo MSN. Conta que começou a usar este programa

de troca de mensagens há quatro anos, quando se tornou moda em Cabo Verde.

"É muito mais cómodo falar com alguém através do computador, onde apenas digitas. Não tens que enfrentar a pessoa cara a cara e, por isso, é mais fácil para conviver e expressar", afiança, antes de garantir: "muito dos meus amigos de hoje conheci-os primeiro através do MSN/Hi5 e depois ao vivo".

Didier tem, contudo, bem presente o lado pernicioso desta ferramenta: "Há cada vez mais jovens que deixam de comunicar cara a cara e passam a viver neste mundo on-line e tantas vezes virtual, alheando-se dos problemas, incompatibilidades e desencontros deste mundo que é bem real, com as suas frustrações também". Daí a necessidade de haver um equilíbrio no uso do computador e das suas ferramentas. Ai se tudo fosse tão bonito e só de cores vivas e alegres como o computador nos mostra.